



**Luiz Eduardo Soares**

É uma tarefa impossível traduzir em poucas palavras a brilhante conferência, proferida com muita clareza e eloqüência a ponto de emocionar algumas pessoas, como declarou uma das pessoas do plenário que interveio após a exposição. O autor buscou analisar o que ele chamou de “insegurança pública no Brasil” à luz do pós-estruturalismo. Assim, para ele, o privilégio da idade lhe dava condições de falar do pós-estruturalismo como constituição e construção da sua identidade pessoal, sua história pessoal. Reiterando, ao final, que se colocar como pós-estruturalista significa, para ele, afirmar a transcendência e carregar a marca do estruturalismo que formou toda uma geração. Colocar-se como pós também é reconhecer a importância do que veio anteriormente, que começa com Marx e Weber. Para Luis Eduardo, o estruturalismo e o pós não são mundos incompatíveis da experiência política. Ler Althusser e toda a tradição francesa estava associado ao engajamento, em que “Lênin dava a régua e o compasso, alcançando o reino da verdade”. Enquanto nos Estados Unidos os movimentos de contra-cultura se aproximavam do sensorial num pólo oposto, novos sujeitos e novas formas de demandar sujeitos. Experiências libertárias E na tradição francesa Rancière, Derrida, Foucault, tiraram o sono dos “militantes”, questionando “suas verdades”. Apontando que o estruturalismo não dá conta da complexidade, não existe sujeito que se situe como referencia. Para Arendt, o sujeito está imerso numa realidade; o fato de ser mulher, ter uma cor faz diferença. Diferente do discurso do colonialismo. Este processo não nasce na França, mas na dialética negativa da Escola de Frankfurt. E se coloca como o adiamento da contradição sem síntese, não nega as contradições, mas percebe a inviabilidade de síntese, sem conduzir ao relativismo e ao imobilismo.

Em termos de segurança pública os números são pouco eloqüentes quando nos referimos à morte, não sendo capazes de traduzir a representação dramática da mesma. De qualquer forma os números apontam 45.000 assassinatos (homicídios dolosos) por ano (estou em duvida se por ano????), perfazendo um percentual de 27 assassinatos a cada 100.000 habitantes. O numero é vazio quando descontextualizado. E coloca o Brasil nos primeiros

lugares na violência letal no mundo. Vale ressaltar que esses números encobrem outras mortes violentas, porque o roubo seguido de morte (latrocínio) é crime contra a propriedade e não entra nas estatísticas de assassinatos. Se acumularmos o número é superior a 50.000. outro dado precioso é que na sua maioria são homens, jovens (15 a 24 anos), negros e pobres.

Parece que a violência submete a todos de forma igual, mas as mortes se concentram na “base” da pirâmide de renda. Se recortarmos os homens jovens as estatísticas sobem para 98 a 100 por 100.000, isto significa mais do que o conflito árabe. “O Haiti é aqui”. Sem medo de estar exagerando ele afirma: “está em curso um genocídio”. Existe inclusive um déficit nesta faixa da população e a vitimização tem crescido. Um demógrafo observando os números apontaria uma sociedade em guerra. A defesa da existência de um genocídio se apóia nos dados que apontam o alvo peculiar.

Nesse processo existem matizes. Violência é mais uma categoria cultural do que conceitual, os esforços em convertê-la num conceito, reduzindo sua polissemia malograram. Muitas vezes usada como “palavra-valise” para servir à manipulação política. Contem vários significados e não necessariamente os mesmos. Só pode ser analisada contextualmente, a partir da construção de identidades, histórias micro-políticas, qualquer generalização parece imprecisa.

A violência a ser comentada se refere à morte provocada por ações intencionais, o que é apenas um crivo semântico, sem juízo de superioridade ou inferioridade. Poderia falar das diversas modalidades, mas resolveu operar numa circunscrição. Aparece sob diversas formas, mas existem três tipos específicos:

1. Matador de aluguel, grupos ou indivíduos de extermínios, com interesses e fins quaisquer, que ainda existe, com morbidez, como por exemplo no Espírito Santo. Livro : Código de Violência no Sertão (primeira república);
2. Morte cotidiana, a partir de relações do cotidiano, em bares, a partir de conflitos triviais, que se dão pela disponibilidade de armas;
3. Ligação com tráfico de armas e drogas, neste caso existe recrutamento, bases que determinam, facilitam o mesmo, que se reproduz no varejo, envolve, no atacado, outras classes sociais e o acesso a redes internacionais que operam com lavagem de dinheiro.

As políticas de segurança possuem vieses de classe e de cor, nos países capitalistas em geral, filtros q tendem a reproduzir as estruturas de poder. A morte ocorre nas favelas, na periferia. No varejo ocorrem as mortes. Esse processo é negligenciado, mas estamos necessariamente imersos neste debate.

Partindo da proposta do seminário de apontar as dimensões negligenciadas nas análises sociais o conferencista apontou a dimensão intersubjetiva como relevante para contemplarmos o fenômeno da violência. Deixando claro que as outras dimensões não são desconsideradas ou subestimadas, como é a dimensão econômica, por exemplo.

Para sua análise o expositor nos narrou uma conversa com o motorista em que este criticava a defesa dos “bandidos, vagabundos”. O motorista aludiu a uma história de um amigo que fôra assassinado, deixando oito filhos e uma viúva. Então o professor o fez pensar na continuidade da história tomando um dos meninos como protagonistas, indo para os sinais pedir dinheiro, sendo recrutado para o mundo do crime e “perpetuando o mal”. A questão posta: e agora vai querer linchar o filho do amigo ?

Então ele aponta a dificuldade de levar essa ponderação para a sociedade, convertendo um objeto de contemplação singular sem considerar a história de vida, conduzindo a uma visão mais complexa. O menino da história é socialmente invisível, nos não ou vemos ou projetamos um estigma e assim, vemos o retrato da nossa intolerância, dissolvendo sua singularidade.

Consideramos que sejamos pessoas sensíveis e generosas, ao nos depararmos um menino de rua na porta de um restaurante não jantamos, aquilo nos provoca mal-estar e sentimento de culpa. E depois quando vamos para casa não conseguimos dormir, porque aquilo nos coloca em xeque. Em busca de paz interior nós precisamos nos alienar, criar uma espécie de anestesia, para que as imagens da desigualdade não nos atormentem. Alienação é o preço para tornarmos costumeiro e aceitável, o inaceitável. Entre o trivial e o monstruoso.

Os cientistas sociais sabem que a infância é uma construção histórico-social, o que não implica que tenha experiências densas. E a adolescência seria o grande processo de passagem, interrogação em torno da identidade, com angústia e ansiedade. Agora imaginem a adolescência vivida sob a desigualdade, invisibilidade. Uma escola que não apaixona, uma família que não abraça...que noção de tempo, futuro, projetos pessoais o menino da história pode ter ? qual a experiência de temporalidade ? Só pesquisas etnográficas podem responder, mas elas vão apontar dramas.

Um dia o traficante X que é o menino depois de amanhã, recruta um menino. O menino com a arma produz em nós o medo; emergindo da invisibilidade enquanto pessoa, um momento fugaz de visibilidade. Lançando a nós um pedido de socorro. Para mídia seria descrito como marginal. Faz referência ao primeiro momento, falando da fome de significados, clamor de reconhecimento. Não é preciso ler Herbert Mead para sabermos que não somos ninguém se não há reciprocidade, o olhar do outro. Quando isso acontece com o

menino é de forma paradoxal. E nós respondemos com a criminalização, medidas repressivas, privação de liberdade. Se já existia no menino invisível a sensação de ser um lixo, ao se deparar com as péssimas condições desses institutos, reforçam-se as piores expectativas em torno dele mesmo. o que era um temor se torna o cumprimento de uma profecia. Então o estigma aos poucos se internaliza, se converte em pratica. E a reincidência aparece como um destino institucional a partir de profecias estigmatizantes. O processo faz com que aquele clamor inicial não seja ouvido.

O elemento econômico também aparece na procura da mercadoria enquanto fetiche. Pela dialética da moda se afirma que a marca distingue para incluir. Participação e pertencimento são fundamentais para quaisquer pessoas. Segundo as teorias, num grupo mais coeso aumenta a experiência de pertencimento, e o grupo aumenta a coesão em situações de rivalidade. É, portanto, compreensível, que esse jovem busque também uma modalidade de inclusão nesses grupos que reforçam suas identidades. A inclusão no tráfico afirma a beligerância que marca a rivalidade entre os grupos.

Diante do problema, que políticas podem ser adotadas ?

Se o pressuposto adotado é que o objeto de estudo é multidimensional, incluindo relações econômicas, intersubjetivas, escolas, famílias, polícia, etc. Muitas e diferentes dinâmicas. As políticas também precisam ser intersetoriais em níveis e esferas diferentes. Assim é preciso um novo sujeito da gestão pública. A forma como está organizado é incompatível com a complexidade do objeto. A dimensão imaginária e simbólica tem uma relevância na vida social.

A ordem social aparece enquanto uma prospecção compartilhada de expectativas. O amanhã apesar de ser um abismo é guiado por expectativas. Tudo parece passível de se desmanchar no ar, como diria Marx. Se um por um lado existe a potência dos atores, por outro existe uma subordinação às expectativas. E para intervir nesse cotidiano as mudanças só terão significado se alterarem o imaginário.

É assim que o pós-estruturalismo coloca novas dimensões a serem pensadas na análise social. Não negando as contradições, mas percebendo a inviabilidade da síntese, sem, contudo, conduzir ao relativismo e ao imobilismo.